

XIX Domingo do Tempo Comum - ano C

– 7 de agosto de 2022 –

1 – Vigilância cristã: oração e serviço. É bem conhecido o lema de São Bento, regra da ordem beneditina: *ora et labora* (reza e trabalha). Ou a expressão de Santo Inácio de Loiola: «*Age como se tudo dependesse de ti, mas consciente de que na realidade tudo depende de Deus*».

A vigilância proposta por Jesus não é passiva, de quem espera que o sol se ponha e a vida se cumpra, mas ativa, de quem trabalha a terra, a vida, o coração, de quem aproveita o sol e a chuva, para que ajudem a germinar e a amadurecer a semente que foi lançada no campo!

A vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens. Dizia-nos Jesus há oito dias! Dessa forma se colocava contra a ganância e a avareza. Mas se a vida não depende da abundância dos bens, isso não significa que os bens não sejam importantes. O pão nosso que Deus nos dá em cada dia é também pão lançado à terra como semente, ceifado, grãos moídos, farinha amassada e cozinhada. O pão nosso que Deus nos dá traz o sabor do nosso trabalho, das nossas mãos, e nele colocamos também o coração e por isso sabe tão bem e tão bem que sabe que queremos que os outros também o saboreiem.

Os discípulos precisam de aprender a desprender-se. Nada deve antepor-se ao projeto de Deus. Nada nos pode separar do Seu reino de amor e de paz. «*Não temas, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o reino. Vendei o que possuíis e dai-o em esmola. Fazei bolsas que não envelheçam, um tesouro inesgotável nos Céus, onde o ladrão não chega nem a traça rói. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração*».

2 – «*Onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração*».

Vivemos para trabalhar ou trabalhamos para viver? A resposta a esta questão pode fazer toda a diferença, entre a avareza e a alegria! Se vives para trabalhar, para acumular, para teres cada vez mais, independentemente dos outros, ou melhor, mesmo que tenhas de usares os outros em teu benefício, então a vida passar-te-á ao lado, pois o teu mundo será preenchido apenas de preocupações, ansiedade, medo de perder para os outros, desconfiança. Se trabalhas com honestidade para viveres, com dignidade e com a comodidade própria de cada tempo, então não faltará oportunidade para olhares e apreciares o mundo que te rodeia, a natureza, as pessoas, encarando os fracassos e os sucessos numa perspetiva mais ampla, sem cair em desespero na adversidade, sabendo que há altos e baixos, nem criando laivos de soberba na bonança.

Se o nosso olhar se mantiver baixo, inclinado sobre nós ou sobre o que pisamos, sobre o que dominamos, então a vida sempre nos surpreenderá (negativamente), sempre nos provocará calafrios e os menores contratemplos serão vistos como desgraçadas. Se o nosso olhar se abre aos outros, ao mundo, além da árvore que está à nossa frente, se conseguimos ver a floresta, olhar para o Céu, será então possível que até mesmo os momentos negativos sejam vistos como momentos passageiros que fortalecem a nossa garra em viver, sabendo que o que nos mantém seguros é o amor, a ligação aos outros, a vida em Deus.

As palavras de Jesus desafiam-nos a uma vigilância que se faz serviço. «*Tende os rins cingidos e as lâmpadas acesas. Sede como homens que esperam o seu senhor ao voltar do casamento... Felizes esses servos, que o senhor, ao chegar, encontrar vigilantes. Em verdade vos digo: cingir-se-á e mandará que se sentem à mesa e, passando diante deles, os servirá. Compreendei isto: se o dono da casa soubesse a que hora viria o ladrão, não o deixaria arrombar a sua casa. Estai vós também preparados, porque na hora em que não pensais virá o Filho do homem*».

Oração e serviço. Atenção, contemplação, disponibilidade para acolher, para amar, para cuidar, para servir. A qualquer hora do dia ou da noite. É assim a vida dos discípulos de Jesus, sempre em dinâmica de oração, procurando em tudo perscrutar a presença de Deus, e em atitude de serviço aos irmãos, em todas as circunstâncias da vida.

3 – «*Senhor, é para nós que dizes esta parábola, ou também para todos os outros?*». Pedro, uma vez mais, em nosso nome também, questiona Jesus sobre as suas palavras, como se se pudesse colocar de fora. Todavia, quando Jesus fala, recordemo-lo, nunca é para o outro, é para mim e para ti. Só assim estaremos dentro do grupo dos seus discípulos. Por outro lado, Jesus deixa claro que quanto maior a consciência, a proximidade a Ele, maior a responsabilidade. «*O servo que, conhecendo a vontade do seu senhor, não se preparou ou não cumpriu a sua vontade, levará muitas vergastadas. Aquele, porém, que, sem a conhecer, tenha feito ações que mereçam vergastadas, levará apenas algumas. A quem muito foi dado, muito será exigido; a quem muito foi confiado, mais se lhe pedirá*».

A vigilância é para todos, o compromisso é de cada um, com as suas qualidades e imperfeições.

4 – Caminhamos como peregrinos até que nossa seja a morada celeste. Vamos experimentando a fragilidade do nosso caminhar, mas igualmente, pela fé, a certeza que Deus nos ampara e protege, nos abençoa e ilumina os nossos passos.

O livro da sabedoria dá-nos nota como os israelitas sentiram sempre a presença e a intervenção de Deus, ao ponto de serem conduzidos até à terra prometida, sendo libertados do Egito e guiados pelo deserto. A Deus, a Quem Jesus nos ensina a chamar Pai, nos dirigimos em oração: «*Deus eterno e onipotente, a quem podemos chamar nosso Pai, fazei crescer o espírito filial em nossos corações para merecermos entrar um dia na posse da herança prometida*». Reconhecendo-O como Pai, assumindo-nos como filhos, comprometendo-nos como irmãos.

5 – O ponto de encontro: a fé. Pois só a fé nos faz ver além do tempo e da história, e nos faz perceber que existe vida além do chão, das nossas preocupações e do nosso trabalho. A fé faz-nos ver Deus, faz-nos reconhecer que a vida Lhe pertence, para que ninguém no-la possa tirar.

A fé, diz-nos a Epístola aos Hebreus, «*é a garantia dos bens que se esperam e a certeza das realidades que não se veem. Ela valeu aos antigos um bom testemunho. Pela fé, Abraão obedeceu ao chamamento e partiu para uma terra que viria a receber como herança; e partiu sem saber para onde ia. Pela fé, morou como estrangeiro na terra prometida, habitando em tendas, com Isaac e Jacob, herdeiros, como ele, da mesma promessa, porque esperava a cidade de sólidos fundamentos, cujo arquiteto e construtor é Deus*».

Abraão continua a ser uma referência luminosa da fé e da confiança em Deus. Procura escutar a voz de Deus para concretizar, com a sua família, a vontade divina. Do mesmo modo, diz-nos a mesma Epístola, «*Sara recebeu o poder de ser mãe já depois de passada a idade, porque acreditou na fidelidade d’Aquele que lho prometeu. É por isso também que de um só homem – um homem que a morte já espreitava – nasceram descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e como a areia que há na praia do mar. Todos eles morreram na fé, sem terem obtido a realização das promessas*».

Todavia, as promessas foram vistas à distância, vivendo como peregrinos à procura da pátria, não a anterior, mas a celeste. As promessas serão cumpridas, plenamente em Jesus Cristo que pela ressurreição antecipa a vida eterna, onde Ele já Se encontra e de onde nos atrai e para a qual nos preparamos, agora, aqui na terra, identificando-nos com Ele, para que, quando o Céu chegar para nós, Ele nos reconheça como Seus e nos acolha à direita do Pai.

Pe. Manuel Gonçalves